

Proximidade de eleições traz alívio a comitê

Assessores de campanha e conselheiros de Fernando Henrique calculam que piores efeitos da crise serão percebidos só daqui a alguns meses e não vão influenciar o resultado nas urnas

CLÁUDIA CARNEIRO
e GERSON CAMAROTTI

BRASÍLIA – À medida que a crise financeira internacional afeta o mercado e as contas públicas no Brasil, aumenta a sensação de alívio com a proximidade das eleições, no comitê do presidente Fernando Henrique Cardoso. A avaliação reservada de alguns conselheiros e assessores da campanha é de que os piores efeitos da crise serão percebidos apenas dentro de alguns meses e, portanto, não influenciarão no resultado do dia 4 de outubro.

O assunto é considerado tabu dentro da campanha de Fernando Henrique, mas a crise não deixa de ser analisada a cada minuto. Foi, por exemplo, um fator decisivo no cancelamento da visita que o presidente faria hoje à Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (Fiesp). Num momento de incerteza nos mercados, ele não teria o que dizer ao grande empresariado, avaliaram os conselheiros.

O programa de Fernando Henrique no rádio e na televisão só sofrerá mudanças caso haja uma reviravolta ainda mais dramática na crise internacional. Isso porque as pesquisas internas continuam indicando que a linha da campanha está no rumo certo, já que o presidente melhora seu desempenho nas intenções de voto. A avaliação interna é que o candidato do PT, Luiz Inácio Lula da Silva, entrou num “beco sem saída, em noite escura e de temporal”. Afinal, avalia um integrante da campanha, se o País quebrar

com a crise, só Lula, que ficou anunciando essa catástrofe, teria a perder.

Dentro do governo, a percepção é a mesma. Faz-se hoje uma avaliação diferente da crise nas bolsas registrada em outubro do ano passado. Naquela época, a oposição chegou a anunciar um caos, com recessão na época do Natal, que acabou não ocorrendo. Desta vez a análise que se faz é diferente. Isso porque se tem a certeza de que a crise é muito mais ampla do que há um ano. “Em outubro de 1997, o paciente havia acordado com 42 graus de febre e com uma crise de apendicite; mas foi logo operado e ficou bem”, explicou um analista que costuma aconselhar o Planalto. “Desta vez não; existe uma crise crônica, que está ocorrendo há alguns meses e vai demorar muito para passar.”

O uso eleitoral pela campanha do PT das declarações do ministro da Saúde, José Serra – que che-

gou a dizer que o corte em seu orçamento atingirá programas como o de combate à dengue –, não preocupa o comitê. Serra não é Fernando Henrique e a imagem do presidente não estaria atrelada a comportamentos de seus ministros, calculam assessores do candidato.

Se o pacote fiscal causar realmente um impacto negativo nos programas de saúde, como afirma o ministro, isso poderia ser contornado por ele próprio, ressaltam esses assessores. Observam que Serra tem um polpudo orçamento nas mãos e o poder de remanejar recursos.



INCERTEZA
FEZ FHC
CANCELAR
IDA À FIESP



Ed Ferreira/AE

Pausa

Fernando Henrique observa uma réplica da taça Jules Rimet, que ganhou de presente do ex-presidente da Fifa João Havelange, condecorado ontem. O presidente esforçou-se para demonstrar tranquilidade durante a sole-

nidade, já que, duas horas antes, recebera a notícia de que o primeiro fechamento temporário das bolsas de valores havia registrado um dos mais baixos índices. Ele considerou a quinta-feira “uma das piores do ano”.